



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Guarabira - PB
Novembro/2015

SEVERINO VICENTE DE MELO

RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades – Campus III, Guarabira, em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivonildes da Silva Fonseca.

Guarabira - PB
Novembro – 2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M145r Melo, Severino Vicente de
Racismo no cotidiano escolar [manuscrito] / Severino Vicente
De Melo. - 2015.
51 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Literatura e Cultura Afro-
Brasileira e Africana EAD) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Ivonildes da Silva Fonseca, Educação".

1. Racismo 2. Preconceito - discriminação. 3. Escola. I.
Título.

21. ed. CDD 326

SEVERINO VICENTE DE MELO

RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Aprovado em 21 / 11 /2015

Banca Examinadora

Ivonildes da Silva Fonseca

Profª. Drª. Ivonildes da Silva Fonseca (UEPB/CH/DE)
(Orientadora)

Raíssa Regina Silva Coutinho

Profª Ms. Raíssa Regina Silva Coutinho(UEPB/CH/DE)
(Examinadora)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira(UEPB/CH/DE)
(Examinadora)

**GUARABIRA - PB
2015**

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me ter dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora prof^a. Dr^a. Ivonildes da Silva Fonseca, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas correções e incentivos.

A todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

A meus pais (in memoriam) pelo exemplo, amizade e carinho a mim dedicados.

Aos amigos de sala de aula, companheiros de trabalho e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A minha esposa Cláudia pelo apoio incondicional, incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço.

A minha filha Isadora que com amor maior me deu forças para caminhar.

Agradeço a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação. O meu muito obrigado!

A minha família pelo apoio, incentivo e compreensão a mim dedicados. A Escola pesquisada. Aos discentes e docentes pela paciência e carinho. Aos irmãos negros pela contribuição dada ao nosso país. Minha gratidão! **Dedico.**

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo que tem como objetivo o estudo do racismo no espaço escolar, observando os efeitos da discriminação racial; bem como analisar como essas crianças, que vivem em um contexto fortemente marcado pela exclusão social e racial, se relacionam e convivem no cotidiano de uma escola pública, no município de Pirpirituba/PB. Em vista da implementação da Lei 10.639/03, que versa pela representação da cultura e história da África e do Afro-brasileiro, como forma de desmistificar a imagem do negro que há muito tempo foi marginalizada em nossa sociedade. Assim, para composição bibliográfica deste trabalho foram necessários estudar autores como MUNANGA (2005; 2012), SILVA (1998; 2005), GOMES (2003), CAVALLEIRO (1998), dentre outros, que trataram da temática em questão. Utilizamos como instrumento de pesquisa a observação, as amostras, gráficos e tabelas para análise dos dados, pois o trabalho foi pensado tendo em vista o acompanhamento dos alunos no convívio social, em suas relações étnico-raciais no espaço escolar.

Palavras-chave: Racismo/preconceito/discriminação; Escola; Cotidiano escolar.

ABSTRACT

This work is the result of a field of research that aims to study racism at school, observing the effects of racial discrimination; and analyze how these children, who live in a context strongly marked by social and racial exclusion, relate and live the daily life of a public school in the municipality of Pirpirituba / PB. In view of the implementation of Law 10.639 / 03, which deals with the representation of the culture and history of Africa and Afro-Brazilian, as a way to demystify the image of black that has long been marginalized in our society. So for bibliographic composition of this work were necessary study authors as Munanga (2005; 2012), Silva (1998; 2005), Gomes (2003), Chevalier (1998), among others, who treated the theme in question. We use observation as a research tool, samples, charts and graphs for data analysis, because the work was conceived in view of the monitoring of students in social life, in their ethnic-racial relations at school.

Keywords: racism / prejudice / discrimination; School; School routine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - O RACISMO E A DESCONSTRUÇÃO DESSES CONCEITOS PELO EDUCADOR	12
1.1. O Racismo na Articulação da sociedade atual.....	12
1.2. As Relações Étnico-Racial no cotidiano Escolar.....	14
1.3. Evolução para a Educação Étnico-Racional nas Escolas: A Lei 10.639/03.....	22
CAPÍTULO II - ANÁLISE DA PRÁTICA SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO COTIDIANO DA ESCOLA “CASINHA FELIZ”, MUNICÍPIO DE PIRPIRITUBA-PB	25
2.1. O universo da pesquisa.....	25
2.2. Coleta de dados: corpo docente.....	28
2.3. Coleta de dados: discentes.....	32
2.4. Análise das entrevistas: discentes.....	35
2.5. Análise das entrevistas: docentes.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Torna-se cada vez mais necessário consolidar novos paradigmas educacionais que vislumbrem a realidade a partir de diferentes ângulos e principalmente a transformação de atitudes. Mesmo, demonstrando aparente homogeneidade racial, elas existem e mantêm, na relação de classificação de cor, nas formas de convivência no espaço escolar, na cotidianidade, a reprodução das desigualdades sociais, das discriminações e dos preconceitos.

Com o presente trabalho, busquei realizar um estudo sobre as práticas de racismo no cotidiano de uma escola da Rede Municipal do Estado da Paraíba, na cidade de Pirpirituba, no referente ano. Teve como principal objetivo trabalhar a temática racial em sala de aula (alunos do 4º ano), verificar atitudes dos professores frente a problemática racial e comportamentos de socialização entre crianças negras e demais crianças da turma, corpo docente e demais funcionários.

Para realização deste estudo, foi adotado a pesquisa qualitativa pautada numa abordagem etnográfica que se constitui num trabalho de observação participativa e sistemática, de discussão com profissionais de educação e na realização de entrevistas semiestruturadas, através de aplicação de questionários aos professores e alunos da referida escola. Os relatos versam sobre memórias de experiências pedagógicas nas quais a temática racial e suas derivações, abordadas na sala de aula, trataram de preconceitos, intolerâncias, incapacidades de convivências harmoniosas entre as diferenças.

Pretendeu-se, também, articular as noções de identidade social/cultural sobre os alunos, ou seja, a criança negra no contexto escolar e também a escola como território de construção de representações e identidades. Assim, acompanhamos o cotidiano dos sujeitos (discentes/docentes) pensando numa maior aproximação com a realidade observada, seus discursos e posicionamentos.

Como forma de análise, de referendar os achados da pesquisa, o tratamento dos dados foi empreendido a partir de análise crítico-interpretativa.

Por fim, ressalto a importância da Lei 10.639/03, para o atual contexto educacional e para a promoção de uma educação pautada nas relações étnico-raciais, com o objetivo de garantir uma educação de iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e cada um enquanto pessoa, cidadão e principalmente as

crianças, produtoras e construtoras de conhecimentos. Assim, destaco a formação de professores para a promoção de uma educação intercultural e antirracista em nossas escolas.

Pode-se defender a hipótese que a discriminação racial afeta o desempenho escolar do aluno, já que esse é um problema que envolve uma questão social que influencia a aprendizagem e a vida do aluno, e esse problema será justificado em todo o trabalho. Para tanto, dividimos este trabalho tendo em vista os capítulos descritos abaixo.

O primeiro capítulo apresentará em sua temática **“O racismo e a desconstrução desses conceitos pelo educador”**. Neste, apresentaremos informações acerca do racismo e as causas de exclusão que afeta a população afro-brasileira, impedindo uma igualdade étnico-racial dentro de nossa sociedade.

Também focamos a discussão sobre a educação multicultural através do estudo **da “Lei nº 10.639 de 2003”**, que institui o estudo da identidade afro sem discriminação do negro dentro da sala de aula.

O segundo capítulo **“A análise da prática sobre a discriminação racial no cotidiano da Escola ‘Casinha Feliz’, município de Pirpirituba/PB”**. Neste, mostraremos os dados da discriminação racial no ambiente escolar, através da análise das entrevistas realizadas. Bem como, a relação entre professor/aluno e aluno/aluno no cotidiano escolar.

CAPÍTULO I

O RACISMO E A DESCONSTRUÇÃO DESSES CONCEITOS PELO EDUCADOR

1.1. O Racismo na Articulação da sociedade atual.

Falar em racismo é remetermos a uma ideia de que existam ações que excluem, discriminam e ferem a auto-estima de pessoas que apresentam características diferentes dentro de nossa sociedade, seja pela cor da pele, religião, posição social, gênero, dentre outros. O racismo permeia todas as faces de nossa sociedade, causando ofensas e criando injúrias, ao ponto de expor o ofendido a situações de discriminação.

Assim, ressaltar a discriminação em caráter de exclusão do negro em nossa sociedade, surge o presente trabalho, que visa estabelecer conceitos sobre a discriminação do negro, em virtude de infelizmente encontrarmos em nossa sociedade, em diversas áreas, atos de discriminação contra o mesmo, no nosso país e no mundo e assim transfigurando no ambiente escolar tais ações.

O racismo pode ser compreendido como sendo vivenciado por práticas discriminatórias disseminadas no nosso cotidiano, que acabou por ser comum escutarmos muitos xingamentos e apelidos pejorativos contra o negro. O brasileiro não representa simplesmente uma herança do passado, mas resalta esses conceitos em sua vivência e acaba por reproduzir em suas atitudes, acentuando o processo de preconceito e discriminação do negro. O racismo vem sendo recriado e realimentado por atitudes e gestos ao longo de toda a história e seus costumes, como um resquício cultural de um povo, gerando desigualdades, produzindo e reproduzindo preconceito ou racismo entre os homens.

Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao

grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, 2012, p. 01).

Esta afirmação do autor apenas confirma a ideia de que o racismo é uma condição cultural do homem, o homem escolhe ser racista, escolhe discriminar o que é diferente, o que não se assemelha a sua prática, estabelece um traço cultural para justificar a sua ação criminosa. A questão da discriminação vem de anos, desde os primórdios da história, uma das marcas mais profundas da situação do racismo no Brasil é uma herança do período da escravidão que perdurou mais de 300 anos influenciando na cultura e sociedade brasileira de forma a moldar o modelo de vida de uma nação.

Assim, tratar de racismo no Brasil seria um ato de entender melhor a constituição da história, de um povo que foi negado e escravizado na construção de uma nação, culturalmente, economicamente e socialmente falando. Apesar do fim da escravidão ainda ficamos com essa herança que não integrou o negro a sua composição e formação social no Brasil, capitalista, industrializado e economicamente crescente, que acabou à nutrir uma cultura aberta e cheio de símbolos de exclusão.

O tratamento dispensado ao negro, especificamente as crianças negras no livro didático, nas relações sociais, aparecem de forma explícita, em uma evidente confirmação da aceitação de que esse tratamento é “natural” para esses seres considerados inferiores. O direito a ter um pré-nome foi negado a quase todos os personagens, crianças, adultos ou velhos. Foram descritos explicitamente como feios, malvados, gulosos, sujos, mentirosos, moleque, preguiçosos, desobedientes, demônios ou denominados pela cor de sua pele. (SILVA, 1998, p. 110).

Silva (1998), revela a condição de aceitação do termo pejorativo do chamamento de “negro” como algo ruim, sujo, desprezível, tais atos são forma arraigadas na cultura do povo, no modo de falar, na expressão “negro” na substituição do nome do ser humano. Assim, em realidade a afirmativa acima, o racismo é uma realidade corrente em todas as áreas, e não seria diferente no que concerne a educação, sendo especial o papel do educador em evitar ações que degradem a imagem da criança negra e assim cause qualquer tipo de discriminação dentro e fora do ambiente escolar.

Atribuir à cor negra conceitos ruins é comum em nossa sociedade, tais como rituais pagãos que atribuem à cor negra alguns conceitos maléficos. Não é nada incomum vermos situações que atribuem à cor negra a desgraças, por exemplo, como a questão do luto que em nossa sociedade é representado pela cor preta, bem como, outras situações e percepções da diferença entre o branco e negro.

1.2. As Relações Étnico-Racial no cotidiano Escolar.

A imagem da criança negra dentro da educação causa verdadeira dificuldade de exemplificação, pois configura em uma forma de lidar com o diferente. Não excluir da ação educativa e produtiva em virtude de seu estereótipo excludente que a imagem do negro acabou por adquirir com os conceitos sociais, que acabam por eternizar conceitos de preconceito quanto ao grau de entendimento e aprendizagem, pela referência da cor da pele, isso não é verdade, pois a criança aprende igualmente de acordo com seu desenvolvimento natural e humano.

A escola é responsável pelo processo de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes famílias o que favorece a construção da identidade da criança. Esse contato poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. A relação estabelecida entre crianças brancas e negras numa sala de aula pode acontecer de modo tenso, ou seja, segregando, excluindo, possibilitando que a criança negra adote em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu grupo social. O discurso do opressor pode ser incorporado por algumas crianças de modo maciço, passando então a se reconhecer dentro dele: "feia, preta, fedorenta, cabelo duro", iniciando o processo de desvalorização de seus atributos individuais, que interferem na construção da sua identidade de criança. Por isso educadores precisam estar atentos aos valores étnicos, procurando estudar mais sobre a questão das crianças afro-descendentes, favorecendo o contato entre os pares de modo que se estabeleçam relações mais harmoniosas. (JESUS, 2006, p. 01).

Não se pode permitir que a criança negra cresça com uma imagem distorcida dela mesma, que se julgue menos favorecida que outra criança negra ou branca, não deixando que ela reproduza na sua formação o conceito de raça, em que a raça negra seja uma representação social de julgamento de ser melhor ou pior que o outro por conta da variante biológica ou de sua raça, como bem descreve Kabengele Munanga (2005), em seu debate em afirmativa as práticas racistas na contemporaneidade. Bem como descreve Silva (1998) a seguir:

(...) A representação desta forma de tratamento dispensado à criança negra contribui para sua reprodução na escola pelas crianças de pele mais clara, ao tempo em que provoca naquelas, reações de mutismo ou de agressão, contra a violência e a humilhação. (SILVA, 1998, p. 110).

Sendo assim, no que concerne à educação a discriminação contra o negro vem desde muito tempo, onde o negro foi alvo de racismo e discriminação e desta forma vem nos possibilitando uma reflexão sobre esse tema dentro da perspectiva de uma educação qualificadora, humana, em que diversos estudiosos vêm tentando a compreensão e a desmistificação de signos que ainda perduram em nossa sociedade elencando palavras, situações e gestos de discriminação contra o negro, e, que ressalta conceitos que vem sendo abordado em nosso dia a dia, perante a sociedade em que vivemos não pode-se admitir ainda este tipo de situação.

A discriminação social foi um grande estigma da sociedade que acabou por degradar ainda mais a imagem do negro, pois foi a partir da libertação dos escravos em meados do século XIX que está situação se consagrou, pois a não integração do negro no processo social, o colocou a margem da sociedade e assim, atribuiu a eles uma eliminação dentro do processo construtor econômico de nosso país, pois a renda girava em torno do trabalho dessa figura, mas, não era para ele que essa renda era destinada, assim, configurando a desigualdade social inteiramente ligada as relações raciais, como uma herança da colonização que acaba por refletir na condição social da maioria dessa população atualmente.

As camadas mais pobres de nossa sociedade são compostas em sua maioria por pessoas negras, com baixa qualificação educacional, profissional e com renda mínima ou nenhuma. As organizações familiares que encontramos a margem da sociedade em comunidades carentes e sem oportunidade de educação e profissionalismo, em que, os negros, são em sua maioria prejudicados por essa situação.

Dessa forma, no que diz respeito à educação e dos preceitos defendidos dentro da realidade escolar, o educador não pode admitir que este tipo de situação seja reproduzido entre os alunos de forma alguma. Repensar em uma educação mais humana e que demonstre a realidade ética, racial e religiosa, para a compreensão da sociedade é uma forma de interagir o aluno e o meio em que vive, ressaltando conceitos culturais que forma o homem e constitui a cidadania de um povo.

Dentro da escola as situações de racismo são diversas e muitas vezes consideradas comuns entre os alunos, que ressaltam apelidos pejorativos que causam mal estar e indignação, bem como demonstram as situações precárias nas condições de sobrevivência dentro da escola, de crianças vítimas desse tipo de situação.

A escola é o ambiente onde os grupos sociais estão em constante diálogo e conflito, sob o desafio do respeito à diversidade. O ambiente escolar para a criança negra pode ser o espaço para a sedimentação da sua identidade, cuja construção se inicia no seio familiar; ou ainda, pode vir a ser o palco onde a construção da identidade nega suas raízes étnicas, caso se confronte com relações de exclusão. O cotidiano escolar pode demonstrar a (re) apresentação de imagens caricatas de crianças negras em cartazes ou textos didáticos, assim como os métodos e currículos aplicados, que parecem em parte atender ao padrão dominante, já que neles percebemos a falta de visibilidade e reconhecimento dos conteúdos que envolvem a questão negra. Essas mensagens ideológicas tomam uma dimensão mais agravante ao pensarmos em quem são seus receptores. São crianças em processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social, que podem incorporar mais facilmente as mensagens com conteúdos discriminatórios que permeiam as relações sociais, aos quais passam a atender os interesses da ideologia dominante, que objetiva consolidar a suposta inferioridade de determinados grupos. Dessa forma, compreendemos que a escola tanto pode ser um espaço de disseminação quanto um meio eficaz de prevenção e diminuição do preconceito. (JESUS, 2006, p. 02).

Conscientizar o aluno a fazê-lo entender seu lugar no mundo e que ele deve respeitar as diferenças é uma forma de educá-lo, pois a educação não é apenas a aprendizagem da leitura e da escrita, mas sim, noções de cidadania, política, cultura, economia e assim, o educador deverá ter em seu discurso educacional em que deve-se divulgar o racismo e a discriminação como uma falta de respeito com o próximo. Portanto, deve ser combatido e não estimulado, como vemos normalmente nas discussões entre as crianças, que acabam ofendendo uns aos outros, com brincadeiras ofensivas, xingamentos que perpassam desde o comportamento com o colega de sala até os docentes, algumas vezes.

Cenas de discriminação e racismo são bastante comuns dentro da escola, em especial na hora do recreio, em que o professor pode identificar este tipo de situação com as seguintes ofensas: “negrinho”; “preto safado”, “cabelo de Bombril”; “negro fedorento”; “quando não caga na entrada, caga na saída”; “lata de assar castanha”; todos estes xingamentos são comuns quando se trata da discriminação dentro do âmbito escolar, de forma a analisar a prática sobre o trabalho do professor em busca de cultivar dentro do ambiente escolar práticas de respeito e igualdade, analisar o

cotidiano escolar através da ótica da educação racial, com a divulgação de preceitos étnicos e raciais, na defesa da cultura Afro-brasileira, onde a escola tem o papel de transformador do homem e do cidadão para o convívio em sociedade.

Para algumas crianças negras a dificuldades de auto-aceitação decorre de um possível comprometimento de sua identidade com as atribuições negativas de seu grupo social. O que acontece, sobretudo com as crianças, que estão em processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social, é uma internalização do discurso alheio. Em outras palavras, é pelo olhar do outro que alguém se constitui como sujeito e é a qualidade desse olhar que contribui para o grau de auto-estima de qualquer indivíduo, seja ele branco ou negro. A escola é o lugar onde a criança desenvolve a capacidade de questionar, ter consciência de sua identidade e a qual grupo pertence, pois é esta consciência que abrirá o caminho na busca da construção da identidade e provocará uma revolução no jeito de pensar do homem moderno. (JESUS, 2006, p. 03).

Dessa forma, como versa a autora, a escola é um espaço de democratização, que requer do aluno e do educador noções de cultura e de diversidade, elegendo a educação como fonte primordial do entendimento de direitos e deveres, promovendo uma educação capaz de estimular valores, no exercício da democracia e igualdade defendidas em nossa Constituição Federal, pois “somos todos iguais perante a lei”, e assim é que deve ser pensada cada ação e reação do ser humano na plenitude de sua atitude preservando a si e ao o outro sem atos de preconceito, lidando de forma normal com a dificuldade e diferenças entre todos os povos e das diferentes culturas.

As questões sobre respeito, igualdade e ações democráticas devem está associadas ao conceito de defesa e atos de discriminação contra o negro fizeram surgir leis específicas que defendam e garantam os seus direitos e deveres dentro do universo multicultural em que vivemos, bem como, a garantia dos direitos humanos, educação, cidadania e cultura.

Estabelecer a confiança e a autoestima de crianças afrodescendentes no âmbito escolar é um dever da escola e um papel do educador.

Visar medidas que estimulem as noções de igualdade e respeito é uma questão de favorecer a cultura étnica e a aceitação de procedimentos contra práticas de racismo e discriminação dentro do universo escolar.

Apesar do debate constante estabelecido dentro da nossa sociedade, ainda encontramos ambientes hostis, sejam nas escolas, no trabalho, nas ruas, em práticas exclusivistas onde o preconceito é ensinado e reproduzido por várias

entidades sociais, a reprodução desses em muitas ações, que devem ser modificadas visando a integridade social e psicológica dessas crianças e jovens, para não acarretar futuros problemas comportamentais decorrentes dessas práticas errôneas ainda disseminados em nossas escolas.

No que tange as questões étnico-raciais dentro do universo escolar são as formas que o educador tem para olhar essas relações no espaço escolar, libertando o educando do preconceito e da discriminação racial mascarado em nossa sociedade.

Sendo assim, a escola caracteriza neste cenário um papel importante, segundo os autores a seguir:

A escola é considerada um espaço possível para construção de identidades, sendo que no caso do negro, nem sempre o seu padrão estético é lembrado de maneira positiva, ou seja, a estética negra no espaço escolar não é bem vista. Ela não aparece nesse espaço como base para construção da identidade. (OLIVEIRA; SOUZA; MOURA, 2012, p. 05).

A escola deve ser o espaço positivo que privilegiem a relação de cultura, debates, discussões na educação. Deve-se compreender, neste sentido, o surgimento de políticas públicas efetivas na educação, de forma que, a garantia de políticas públicas de equidade de raça e gênero devem ser estimuladas, no que concerne a condição racial deve-se preservar à valorização da cultura Afro dentro do contexto social e cultural, enquanto sujeito de direito e não apenas como uma política compensatória, mas sobretudo de igualdade social, educacional e de oportunidade. Na escola o trabalho do educador deve ser voltado a educação étnico-racial como uma proposta pedagógica efetiva, que ressalte o currículo escolar, com um trabalho desenvolvido durante todo o ano letivo, e não apenas quando se fala em escravidão ou abolição da escravatura, discutindo essa temática voltada para a desconstrução do racismo em sala de aula e em todo espaço escolar.

A escola pode contribuir para o combate do preconceito a partir de um trabalho efetivo com práticas antirracistas que busquem a construção de uma autoimagem positiva da criança negra. Esse trabalho deve começar ainda na educação infantil, pois essa é uma etapa importante do desenvolvimento do sujeito. (OLIVEIRA; SOUZA; MOURA, 2012, p. 03).

Como uma realidade na educação brasileira a educação étnico-racial aparece como um elemento de valorização da cultura e do povo negro. Em meio a tantos fatos de discriminação, opressão, racismo, na história da África, que geraram a desconstruções de sua própria história, de sua cultura, de sua etnia, levando-nos a pensar como uma cultura tão rica pode-se deixar perder ao longo dos anos, que levaram até hoje a grande degradação de um povo, ao qual se tem uma cultura imensurável.

O entendimento da cultura e origem Afro nos mostra a sua importância para o desenvolvimento dos conceitos do docente, visto que o professor é disseminador de conhecimento e ninguém melhor que ele para repassar estes conhecimentos para a formação e desenvolvimento pleno da cidadania da criança.

A criança precisa ser educada a reproduzir um pensamento que mude essa realidade disfarçada com conceitos preconceituosos que vivenciamos em nossa sociedade. Muito deve-se fazer para quebrar esse paradigma que a sociedade cultivou durante séculos, negando e afastando da realidade a cultura negra e seus aportes para a história e construção de um povo.

A identidade negra deve ser reconhecida em que a ação educativa desenvolvida na escola deve ser praticada.

(...) a identidade do sujeito é o resultado de um processo de construção social, onde nos enxergamos através do olhar do outro. Considerando que interagimos em uma sociedade preconceituosa que ao longo da história construiu uma visão negativa do negro. A socialização da criança negra será embasada por modelos insatisfatórios e estereótipos negativos sobre o negro. Sendo assim, não seria precipitado assegurar que a ausência de atividades antirracista na sala de aula e na escola com a intenção de promover boas relações raciais, favoreça a construção da diferença como desigualdade e do negro como inferior. (OLIVEIRA; SOUZA; MOURA, 2012, p. 07).

A discriminação do negro no nosso país vem desde muito tempo, onde o negro sempre foi alvo de xingamentos, injúrias, práticas racistas e de discriminação, executando desta forma ações de reflexão sobre esse tema que diversos autores vêm tentando relacionar conceitos e assim rever a compreensão e a desmistificação desses conceitos pejorativos que vem sendo abordado em nosso dia-a-dia.

Educação e preconceito devem andar de lados opostos, ao ponto de revelar a discriminação racial como ato de injustiça contra um povo, a discriminação racial

ainda é um obstáculo na busca de práticas e políticas públicas de valorização do negro e da cultura Afro.

Quando superamos o problema do racismo na escola, estamos vivendo a prática educativa verdadeira, sem empecilhos ou restrições, que busca a diversidade cultural como fonte de conhecimento, onde a educação deverá ser a reprodutora de igualdade social, racial, religiosa, gênero, enfim, a educação no âmbito escolar estabelecerá um verdadeiro combate contra práticas de racismo e preconceito. Estabelecer a confiança e a autoestima de crianças afrodescendentes no âmbito escolar é um desafio do educador nesta prática educativa na educação étnico-racial.

Visto que ainda, encontra-se ambientes hostis que não favorecem a cultura étnica-racial e acabam por aceitar e reproduzir procedimentos de racismo e discriminação em práticas exclusivistas.

O preconceito é um estigma da sociedade moderna e sua reprodução pelo homem, em muitas ações, deve ser repreendido e punido perante as leis que regem nossa sociedade. Só, e apenas só, serão efetivas as ações punitivas segundo atos racistas e que configurem discriminação quando a integridade social, psicológica e física do ofendido for colocada em primeiro lugar.

A criança vítima de racismo dentro ou fora de sala de aula deverá ser ensinada a compreender que esta prática não é normal, essa criança ou jovem, deverá ser reconhecedor de sua raça, sua história, seus direitos e deveres, para não acarretar futuros problemas comportamentais decorrentes dessas práticas errôneas ainda disseminadas em nossas escolas, de discriminação, de desvalorização do ser humano em detrimento a cor de sua pele.

Por mais que a cultura de um povo seja modificada, ainda restam resquícios de sentimentos e ações, preconceituosas e que caracterizam a discriminação ou racismo, que configuram formas de não aceitação daquilo que pra muitos é tido como anormal, diferente, não aceitável, e acabam que este tipo de conceito influenciam as relações sociais.

Infelizmente, segundo o autor, estudioso e Prof. Dr. Kabengele Munanga faz uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, etnia e identidade num estudo voltado a inclusão social do negro. De forma que:

Criado por volta de 1920, o racismo enquanto conceito e realidade já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador

comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmos conteúdo e significado, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. (MUNANGA, 2012, p. 01).

Nas suas diversas entrevistas quando o autor é questionado sobre a temática ele sempre responde a cerca da questão racial como um costume, uma cultura, que é um fator importante na desconstrução da narrativa de interiorização do negro pelo contingente branco que domina nossa sociedade e reproduz em grupos sociais uma cultura contra as relações étnico-raciais e a verdadeira história do negro, de suas lutas, direitos, experiências e estratégias de sobrevivência cultural com preceitos de igualdade social e racial no cotidiano.

Neste sentido, a escola será palco da valorização das diferentes identidades culturais, raciais, religiosas, étnicos e de gênero, na busca de formar uma sociedade crítica, produtora e capaz de discernir entre o certo e o errado, na construção de um presente digno as minorias marginalizadas, vítimas da exclusão social e racial que o negro enfrenta todos os dias, dentro e fora da escola.

A criança negra deverá ter em sua aprendizagem a cultura da priorização da autoestima, identificando a sua identidade como diferente, mas digna da composição cultural de um povo, pois o negro ainda hoje, não é tão aceito em nossa sociedade por ser negro, como mostra Gomes (2003):

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. (GOMES, 2003, p. 171).

Neste processo de construção de identidade a criança negra deve se orgulhar de suas características específicas da cor de pele e da raça que carregam consigo. A criança não pode deixar de se identificar como negra e descendente Afro, ou seja, considerar-se uma legítima Afro-brasileira, pois toda a construção de identidade exige reconhecimento, se não, essa identidade sofrerá prejuízos em sua constituição, tornando-se limitada a longo prazo.

1.3. Evolução para a Educação Étnico-Racial nas Escolas: A Lei 10. 639/2003.

Com a efetiva legalização do ensino étnico-racial como uma prerrogativa da educação nas escolas, a referida lei traz consigo a marca do avanço da legislação brasileira no que tange a luta contra atos de preconceito, racismo e discriminação no Brasil.

A Lei 10.639 de 2003, garante dentro da realidade educacional de nossos alunos o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas de forma a ser garantida através de nossa Legislação, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, bem como, ressaltando as questões de diversidade em destaque a cultura, vida e obra do negro africano e afrodescendente brasileiro em busca da construção de sua identidade.

A Lei 10639/03 que altera Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabelece obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica e o Parecer Nº 1/04 do CNE que estabelece as Diretrizes Curriculares das Relações Étnico-Raciais, vem exigindo modalidades de atualização continuada para educadores, tanto para repertório informativo específico como para formação de excelência na matéria, conforme almeja a regulamentação. (FERREIRA; SILVA, 2005, p.01).

Sendo assim, a referida Lei 10.639, foi criada com o intuito de elevar as práticas sobre o estudo da cultura afro-brasileira e africana, desde os primórdios da história, analisando o período da escravidão negra no Brasil que resultou nesta herança hierárquica social e que dissemina perante o povo brasileiro ainda uma cultura de discriminação e atos de preconceito com o negro. Na proposta da execução legal, surge o ideal que propõe para a educação com novas diretrizes para valorizar e destacar a presença africana (negro) na sociedade de forma a contribuir com sua construção, além do que, a lei surge dentro do âmbito escolar, como um instrumento que procurará agir contra a discriminação e o preconceito racial dentro da escola. A Lei ainda não é cumprida como deveria ser, encontramos em sua aplicabilidade muitas premissas e ressalvas, partindo desde a formação do educador, que é primordial neste sentido, até a falta de materiais referentes à educação na construção dessa realidade, em que ambos, dentre outros problemas, configuram uma realidade atual em todas as escolas.

Tendo em vista as Leis 10.639 e 11.645 o Professor, Historiador, Kabengele Munanga debate sobre esta temática em entrevista sobre seu posicionamento sobre a realidade da escola e o verdadeiro combate contra o racismo, mediante o exposto em leis:

“A escola brasileira está preparada para combater o racismo?”

KM: As leis 10.639 e 11.645 tornam obrigatório o ensino da cultura, da história, do negro e dos povos indígenas na sociedade brasileira. É o que chamamos de educação multicultural. As leis existem, mas há dificuldades para que funcionem. Primeiro é preciso formar os educadores, porque eles receberam uma educação eurocêntrica. A África e os povos indígenas eram deixados de lado. A história do negro no Brasil não terminou com a abolição dos escravos. Não é apenas de sofrimento, mas de contribuição para a sociedade. (2012, p. 02).

Contudo, a marca da falta de qualificação docente, que não reconhece a história, nem tão pouco, a vida e o cotidiano de seu aluno na busca de interagir com o meio em que ele vive, caracteriza uma falta de preparo desse profissional frente as dificuldades que essa temática pode ocasionar em seu trabalho dentro de sala de aula. Neste sentido, pode-se destacar a seguinte passagem:

A ausência do componente negro na escola priva as crianças negras de conhecerem a sua história, que vai muito além da escravidão, a escola necessita com urgência reformular conteúdos e problematizar a questão do negro no contexto escolar. Dando a conhecer a diversidade cultural da criança negra, criando possibilidades de conhecimento da sua cultura. (JESUS, 2006, p. 01).

A escola não pode ser omissa em casos de preconceito ou discriminação, e cabe ao educador estar atento a esta realidade.

Sendo assim, vale ressaltar a importância da formação desses profissionais na construção de um currículo que contemple as novas demandas da sociedade brasileira, hoje voltadas para a promoção da equidade social e a atenção para a diversidade cultural. (...)A formação docente não se dá apenas por acumulação de cursos, conteúdos e técnicas, mas sim, através de um trabalho permanente de "reflexividade" crítica e de construção de uma identidade pessoal-profissional. Ao refletir sobre a própria ação, o docente contribui para a sistematização de novos conhecimentos e, o que é igualmente importante, estimula a autonomia intelectual e consolida a crença na sua possibilidade de profissional capaz de pensar e promover mudanças. (FERREIRA; SILVA, 2005, p. 04-05).

Sabe-se que a formação docente é carente e requiere ser revista e assim levada em consideração de acordo com as mudanças que a escola, o aluno e a sociedade clamam a todo o momento, assim, a ausência desse componente curricular na formação do professor é um déficit no currículo do professor e assim nos componentes curriculares da própria instituição de ensino, prejudicando a formação do cidadão.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DA PRÁTICA SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO COTIDIANO DA ESCOLA “CASINHA FELIZ”, MUNICÍPIO DE PIRPIRITUBA-PB.

2.1. O universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição educacional, no município de Pirpirituba-PB. Localizada na zona urbana, a mesma oferece Ensino da Educação Infantil e Fundamental Básico do 1º ao 5º ano, atendendo hoje uma clientela de mais de 257 alunos, distribuídos por turmas, séries e turnos.

A escola compreende 08 salas de aulas, 01 quadra poliesportiva para recreação da comunidade escolar; 01 mini-auditório utilizado para os eventos e auxilia também os estudantes do “Programa Mais Educação”; 01 sala multimídia climatizada; 01 sala dos professores onde realiza reuniões; 01 biblioteca com livros infantis e didáticos para auxiliar nas pesquisas; 02 pátios médios para alimentação e recreação; 01 cozinha ; 06 banheiros (masculino, feminino, professores e portadores de deficiência); 01 secretaria; 01 diretoria e 02 dispensas (alimentos e serviços). O corpo docente da referida escola é composto por 20 professores distribuídos nos turnos manhã, tarde, noite e sala de leitura; 03 agentes administrativos; 07 auxiliares; 02 merendeiras; 03 vigias; 01 coordenadora pedagógica; 01 diretora e 02 vice-diretoras.

A instituição estudada surge como eixo de desenvolvimento cultural, espaço de várias etnias, classes sociais diversificadas, histórias de vida, diferentes famílias e realidades distintas, onde busquei realizar um estudo que envolva a temática racial no âmbito escolar, observando as diversas formas de preconceito e racismo no cotidiano dessas crianças. Desta forma,

Se pensarmos no espaço escolar, as experiências cotidianas, os preconceitos (desvalores) e os valores estariam compondo a essência (humana) das crianças negras e não negras, porém, como nas sociedades os únicos valores considerados válidos são os da parcela branca da população, acabamos nos constituindo em um povo que não vivencia e não pode vivenciar sua essência por completo. (MARTINS; MUNHOZ, 2007, p. 18).

De acordo com as autoras, entendemos que as experiências precisam serem trabalhadas em uma perspectiva pluricultural, buscando enfatizar os valores da criança negra. Desta forma, possibilitando uma maior igualdade racial no espaço escolar.

Optamos por um estudo de campo porque nosso interesse era justamente trazer para a discussão, a contribuição de quem vive como nós, no nosso dia a dia: escola, famílias e crianças que convivem um contexto fortemente marcado pela exclusão social e racial. Nos debates e reflexões sobre a questão do racismo no cotidiano da escola, chegamos a ver que uma série de fatores estão envolvidos e um complexo de condições e determinações de natureza ao mesmo tempo cultural, socioeconômico, ética, política, psicológica. Docentes, discentes e demais funcionários experimentam esta complexidade. Percebem-na, agem de algum modo, no curso dos acontecimentos de diversas maneiras. Estão, assim, vivendo a problemática discutida neste trabalho (direta ou indiretamente) e, conseqüentemente, tem ideias, impressões, atitudes, opiniões e sentimentos a respeito dela. Contudo, julgamos relevante a visão de outros professores da referida escola. Todas essas experiências e vivências, em princípio, são muito significativas para o nosso trabalho.

O estudo de campo foi organizado de acordo com alguns procedimentos. A observação participante foi feita de forma sistemática na escola “Casinha Feliz”, onde os professores e alunos responderam ao questionário da entrevista aplicada. A escolha da escola observada se deu por percebermos que no recinto escolar ocorrem situações de discriminação racial por parte dos próprios alunos da referida instituição, pois segundo Cavalleiro, a observação faz parte importante nesse tipo de pesquisa:

Assim, fui para campo conhecer: (1) como a família e a escola lidam com a questão étnica durante o processo de socialização; (2) como o professor atua frente a uma população pluri-étnica; (3) como o professor age frente a situações de preconceito e discriminação étnicas entre as crianças, como age para evitá-las e/ou combatê-las; (4) como as crianças vivenciam as diferenças étnicas. (CAVALLEIRO, 1998, p. 66).

Dessa forma, assim como Cavalleiro, busquei informações semelhantes a sua pesquisa, dando ênfase a essas questões propostas por ela. Principalmente

observando o comportamento dos alunos em relação à questão da discriminação étnico-racial no espaço escolar.

Portanto, para investigar os discentes no cotidiano escolar e suas relações com as demais crianças, tornou-se necessário a utilização dos múltiplos procedimentos de pesquisa orientados a exercitar uma escuta ativa e sensível. Desta forma, além da observação participante, utilizamos as fotografias, as aulas em sala sobre a África e os afrodescendentes, os cartazes produzidos por elas, as apresentações teatrais, os artesanatos, o registro escrito e a culminância para a efetivação da mesma. Como mostra a figura abaixo:



Fonte: Arquivo pessoal. Setembro, 2015.

Na foto, destacamos uma mulher negra trazendo no cesto frutas para produzir uma comida típica da culinária africana. Abaixo apresento outro trabalho feito pelos alunos da referida escola:



Fonte: Arquivo pessoal. Setembro, 2015.

Acima, destacamos um trabalho que trata sobre receita, mostrando um pouco da culinária africana e afro-brasileira, trabalhada pelos alunos.

Observei também, em outro momento, outros espaços por onde as crianças e os professores circulavam, como por exemplo: o pátio, o refeitório, os corredores, a sala de aula do 4º ano, as reuniões pedagógicas, os recreios, a entrada e a saída da escola. E foi o que fiz, participei da vida das crianças, de suas culturas, vivências e experiências, anotando e dissertando durante o período de junho a setembro do ano em curso.

Conforme Kramer (2002), seria enriquecedor se considerássemos a criança como sujeito da história, ao invés de olhar para a criança como um sujeito descolado de sua classe social, de sua cultura, de sua etnia e de sua história. Esta pesquisa procurou trilhar por este fio condutor. Kramer defende uma “visão de criança cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo, em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas”. (KRAMER, 2002, p. 43).

Em suma, posso dizer, com muita autoridade, que há uma predominância da afirmação de que existe discriminação, desigualdades de oportunidades e preconceitos raciais na escola.

2.2. Coleta de dados: corpo docente

Em entrevista realizada no período de sete de julho a vinte e sete de agosto (07/07 a 27/08/15), com o corpo docente da referida escola, foram coletados os seguintes dados: nome do (a) professor (a), sexo, faixa etária, série que leciona, religião, identidade étnica e formação acadêmica. Resumindo brevemente os resultados da tabela apresentada, podemos descrever o grupo de professores que participaram desta parte do nosso estudo da seguinte maneira: a idade dos professores era bastante variada, concentrando-se, porém, entre trinta e nove a quarenta e nove anos. O número de professores mais velhos (acima de 40 anos) era relativamente maior. Os professores mais jovens, evidentemente, em número menor.

Houve predomínio absoluto do sexo feminino (nove), o que é uma característica conhecida da população dos professores que trabalham no 1º segmento do ensino básico. Quanto à série que leciona, os professores dividiram-se

em cinco (05) para a educação infantil e cinco (05) para a educação fundamental básica.

É notável que a formação acadêmica foi mais frequente e abrangente em nível superior nas áreas de Pedagogia; havendo um número relativamente menor de professores em outras áreas (nível superior completo – 02) e pós-graduação (02). A experiência dos professores inclui o exercício de funções na área do magistério, o que mostra a tabela.

Tabela 01 – Corpo docente (Educação Infantil – 4º ano)

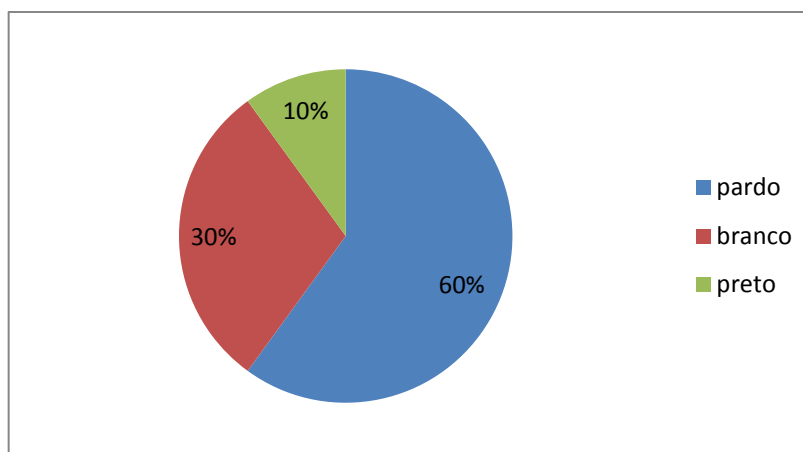
IDENTIFICAÇÃO	ESPECIFICAÇÃO	Nº
Corpo Docente		10
Sexo	Feminino	9
	Masculino	1
Faixa etária	39 a 49 anos	9
	39 anos	1
Série que leciona	Educação Infantil	5
	Educação Fundamental Básica	5
Religião	Católica	8
	Protestante	2
Identidade Étnica	Preto	1
	Pardo	6
	Branco	3
Formação Acadêmica	Pedagogia	6
	Superior completo	2
	Pós-graduação	2

Fonte: Dados da coleta realizada no período de 07/07 a 27/08/2015, com o corpo docente da referida escola.

De acordo com a tabela, destaco a questão da religião, onde predomina o catolicismo (08), mas sabemos que a sociedade brasileira, de modo geral, nutre enorme preconceito em relação às religiões afro-brasileiras (embora alguns dos entrevistados, que se consideram católicos, frequentem ou participem também de espaços das religiões afro-brasileiras) e esse preconceito afeta diretamente as pessoas (famílias, crianças e professores que fazem parte da escola) que são adeptos dessas religiões.

Outro fator que mais me impressionou diz respeito a identidade étnica dos docentes: um (01) dos professores se considera negro, seis (06) pardos e três (03) consideram-se brancos. Como mostra o gráfico abaixo:

GRÁFICO 01 – Corpo Docente: diversidade Étnica



Fonte: Pesquisa realizada com os professores no período de 07/07 a 27/08/2015.

Percebemos que no item identidade étnica dos docentes 10% se consideram negros; 60% pardos e 30% brancos.

Essa dificuldade da aceitação de si mesmo sobre a identidade étnica dos docentes é constatado nos relatos dos docentes, os quais abordaremos mais adiante. Essa aceitação não explícita, mas velada, muitas vezes, não se dão conta de tal atitude: a não aceitação da sua própria identidade. E as crianças, então... Os docentes precisam ser sensibilizados a respeito da importância da auto-aceitação em sala de aula para poder trabalhar a temática racial. Portanto, o preconceito racial no Brasil é de marca, ou seja, baseia-se na cor da pele, na aparência, nos traços fisionômicos das pessoas. Neste país, o preconceito racial se ancora na hereditariedade racial do indivíduo, em outras palavras, o preconceito é de origem. O preconceito racial no Brasil envolve atitudes e comportamentos negativos das pessoas em relação ao negro, os quais se dão em função da cor.

O papel do educador é muito importante, pois é através do processo educacional pelo qual os seres humanos passam que vamos nos construir, enquanto indivíduos, com mais ou menos preconceito. É esse entendimento que precisam ter os professores. Tem que desfazer mentalidades racistas e discriminadoras secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando

relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados, vividos pelos negros.

Para Cavalleiro (2003), a formação dos futuros profissionais - e até mesmo dos profissionais que atuam nas instituições escolares - para que tratem com respeito e dignidade as diferenças raciais no âmbito escolar, contribuindo para o enfrentamento e a superação de desigualdades, precisa incorporar novos valores nos profissionais que lidam com as crianças e, conseqüentemente, em seus familiares.

Os professores que participaram da pesquisa, responderam ao questionário e em sua maioria se autodeclararam como pardos. Para Fazzi (2000), o processo de classificação racial é um processo social, circunstancial e maleável. De acordo com Fazzi (2006, p. 218), a socialização entre os sujeitos constitui um momento de suma importância em que as crenças e noções raciais internalizadas são experimentadas e testadas. Assim, vão aprendendo o que significa ser de uma categoria racial ou de outra, criando e recriando o significado social de raça.

As práticas da escola estão permeadas pelas lógicas sociais e raciais em que os envolvidos no processo de escolarização (professores, diretores e funcionários) desenvolvem um pensamento marcado pela estrutura racial da sociedade em que vivemos, na qual a existência do racismo é negada e o mito da democracia racial ainda está fortemente presente.

Sentimos a necessidade urgente de capacitarmos os nossos docentes ao trabalhar as questões raciais de forma que possam cumprir a Lei nº 10.639/2003, e a elaboração de materiais didáticos que possam dar suporte técnico na formação inicial e continuada dos educadores em todos os níveis de ensino. Percebemos a grande dificuldade vinda dos professores, em solucionar problemas voltados aos preconceitos, xingamentos e ofensas ditas pelos alunos nos momentos de recreação e aulas práticas na referida instituição escolar.

Entendemos que, para responder a esse desafio que se estende em relação às atitudes preconceituosas e discriminatórias, faz-se necessário atuar no combate a todas as formas de preconceitos e racismo. Fortalecer a nação brasileira em torno da democracia, da diversidade cultural é objetivo fundante das políticas públicas e

dos órgãos gestores de educação e, em caso específico, das instituições formadoras de profissionais que se dedicam diretamente com a educação.

2.3. Coleta de dados: discentes

O estudo de campo se desenvolveu procurando-se observar os discentes e suas relações com outras crianças no cotidiano escolar, principalmente crianças negras na sala de aula, bem como, na hora do recreio e nos demais espaços da escola. O pesquisador participou de todos os momentos, anotando e dissertando tudo. Sendo assim, para investigar a criança no cotidiano da referida escola, tornou-se necessária a utilização de um questionário onde obtive os seguintes resultados, os quais mostrarei na tabela abaixo

TABELA 02 – Corpo discente (4º ano Ensino Fundamental)

ESTUDANTES (FAIXA ETÁRIA)	SEXO		RELIGIÃO	IDENTIDADE ÉTNICA					TOTAL
	FEM	MASC		PRETO	PARDO	BRANCO	AMARELO	INDÍGENA	
9 anos	2	3	Católica	3	1	1	-	-	5
10 anos	3	1	Católica	-	3	1	-	-	4
11 anos	1	5	Católica	1	4	1	-	-	6
12 anos	2	1	Católicos 02	2	1	-	-	-	3
			Protestantes 01						
Total	8	10		6	9	3	-	-	18

Fonte: Dados da coleta realizada no período de 07/07 a 27/08/2015, com o corpo docente da referida escola.

Ao coletar os dados que caracterizam os sujeitos (discentes) da pesquisa obtemos informações, tais como: idade, série, religião e identidade étnica. Foram entrevistados dezoito (18) alunos da sala regular do 4º ano – ensino fundamental básico, inseridos na faixa etária entre 09 e 12 anos. Havia na sala de aula, segundo o professor, duas crianças com problemas psicológicos. Das dezoito crianças

entrevistadas, cinco (05) são alunos (as) repetentes. Um dado interessante que emergiu na pesquisa foi a quantidade de crianças que se dizia católica (dezessete se reconheceram como católicas e uma se reconheceu protestante assídua e fiel. Constatei um número significativos de católicos em toda escola.

Quanto a questão referente a auto declaração racial, se deu nas opções de múltiplas escolhas: preto, pardo, branco, amarelo e indígena. Seis (06) se autodeclararam pretos; Nove (09) se autodeclararam pardos; três (03) se autodeclararam brancos. Nem um dos pesquisados se declaram amarelos ou indígenas. No momento de autodeclarar sua etnia/cor, as crianças que se autodeclararam pretas não se afirmam como negras. Outras que se autodeclararam pardas se afirmam como morenas.

Assim, o negro para se identificar como tal é necessário que ele reconheça-se como negro, ou seja, ele vai se auto reconhecer-se, como nos mostra Gonçalves & Soligo:

No Brasil, ser negro é tornar-se negro. O conhecimento dessas questões pode nos ajudar a superar o medo e/ou desprezo das diferenças raciais ainda presente na escola e na sociedade. Entender essa complexidade é uma tarefa dos/as profissionais da educação. É tarefa de uma escola que se quer cidadã e, por isso mesmo, não pode deixar de incluir a questão racial no seu currículo e na sua prática (GOMES apud GONÇALVES; SOLIGO, ano desconhecido, p. 06).

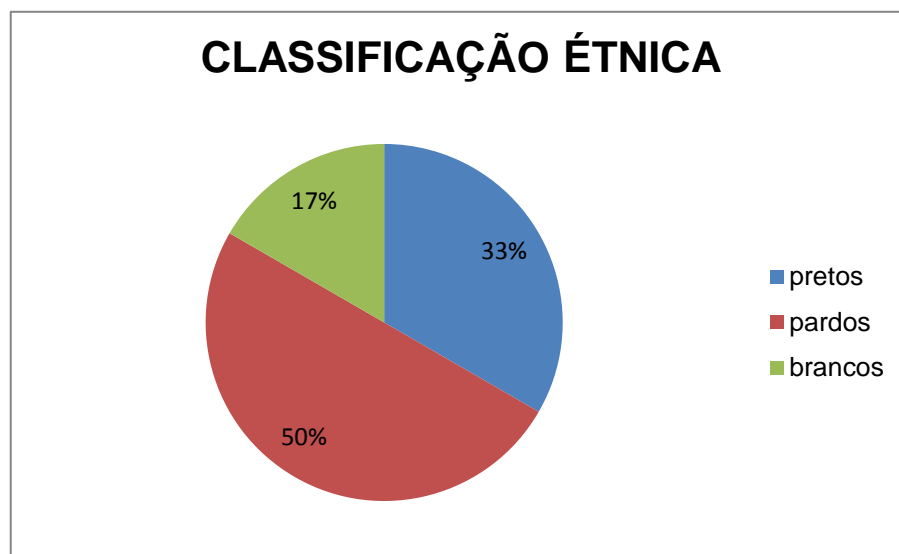
Portanto, assim como as autoras apontam que o importante é torna-se negro, entendemos que identificação racial é uma construção social para qual contribui o lugar que as pessoas ocupam na sociedade e, também, como as próprias pessoas se veem.

Assim, compreendemos que a questão da identidade racial, se dará a partir do momento em que os alunos se reconheçam dentro de sua etnia. Para tanto, a figura do professor torna-se fundamental dentro do espaço escolar. Destacando as ações afirmativas em que o ser negro tem seu valor dentro da sociedade brasileira desde os tempos primórdios, onde a figura deste, fora de grande valia, uma vez que o mesmo colaborou com a construção do país. Portanto, diante de um cenário em que se ocorrerem práticas que contemplem a figura do negro como protagonista e não como mero agente passivo, este se reencontrará em suas raízes, percebendo-

se como agente construtor de sua história. Desta forma, a história e educação do negro não se dar apenas à população negra, pelo contrário, diz respeito a todos os brasileiros e brasileiras, pois todos devem educar-se como cidadãos atuantes em uma sociedade multicultural.

Observando o gráfico abaixo, obteremos mais informações acerca da identidade étnica dos alunos da escola “Casinha Feliz”.

GRÁFICO 02 – Identidade Étnica (Corpo Discente)



FONTE: Pesquisa realizada com os alunos do 4º ano, de 9 a 12 anos do Ensino fundamental da Escola “Casinha Feliz”, Pirpirituba-PB.

De acordo com a análise feita os discentes em sua maioria se assumem pardos (nove) e os demais pretos (seis) e brancos (três). Assim, de acordo com os dados do gráfico percebemos que a escola está enfrentando dificuldades para lidar com as diferenças e o racismo no cotidiano da mesma. Tanto nos aspectos sociais que se reproduzem no funcionamento da instituição escolar e nos ambientes de salas de aula, quanto na formação intelectual de docentes e discentes por carência de informações específicas em seus currículos.

Ainda nos falta avançar muito para compreendermos que o fato de sermos diferentes uns dos outros é o que nos aproxima e o que nos torna mais iguais. Sendo assim a prática pedagógica deve considerar diversidade de classe, de sexo, idade, raça, cultura, crença, etc., presente na vida escolar, e pensar (e repensar) o currículo e os conteúdos escolares a partir dessa realidade tão diversa. A construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à diferença, e isso

inclui as diferenças raciais. Ai, sim, estaremos articulando Educação, Cidadania e Raça. (SILVA, p. 87, 2001)

Portanto, a auto declaração por parte dos alunos em relação à questão de identificar-se com sua identidade étnica, só acontecerá no espaço escolar a partir do momento em que os professores se comprometam com as diferenças, com a construção da identidade e da sua própria formação cultural.

2.4. Análise das entrevistas: discentes

O objetivo principal da pesquisa foi investigar que concepção os professores e alunos do 4º ano tem sobre discriminação racial e verificar quais os procedimentos adotados pelos professores frente as situações de discriminação racial ocorrida entre os alunos. A pesquisa abrangeu uma Instituição da rede pública municipal de Pirpirituba/PB. O interesse em desenvolver esta pesquisa é fruto das constantes situações de discriminação e preconceito no âmbito escolar.

A nossa educação e a escola podem e devem ser o local da desconstrução de estereótipos e valores genéricos da sociedade já que é o espaço do conhecimento da construção de novos sentidos e da diversidade. Como afirma Dias,

Uma educação que não discrimina, que promove o diálogo, a solidariedade, o respeito mútuo, a tolerância, e, sobretudo, a autonomia e a emancipação dos sujeitos envolvidos. Enquanto espaço de socialização da cultura, a escola constitui-se no locus privilegiado de um conjunto de atividades que, de forma metódica, continuada e sistemática, responde pela formação inicial da pessoa, permitindo-lhe posicionar-se frente ao mundo. (DIAS, ano desconhecido, p.02).

Assim, é por meio da educação que damos às nossas crianças, isso não só na escola, que as ensinamos a aceitar ou rejeitar a diferença.

Neste item nos reportaremos a uma pesquisa, tendo como instrumento de investigação uma entrevista entre alunos e professores do 4º ano, onde passaremos a relatar alguns escritos da pesquisa. Dos dez professores entrevistados, veremos somente uma amostragem do relato de cinco (05) professores.

No período compreendido entre 07/07 a 27/08/2015, quando entrevistados sobre: Existe racismo no Brasil? Os mesmos responderam que sim. Sobretudo os

acontecimentos através das manchetes de jornais e reportagens, nas novelas, nas ruas, nos campos de futebol, no trabalho e na escola.

Em outro momento perguntamos aos alunos: “Você acha que existe racismo nesta escola? Você já sofreu racismo? Qual foi o racismo que você sofreu? As respostas sinceramente escrita relatam mais uma denúncia, do que amostras de um trabalho de pesquisa.

Eles relatam fatos e acontecimentos de intolerância, ocorridos na hora do recreio, precisamente com xingamentos, a citar: “cabelo de Bombril”, “Inasim preto”, “cabelo de africano”, “negro preto da capoeira”, “africano”, “gorda negra”, “Cirilo”, “negra baleia”, “fósforo queimado”, “negra burra”, “negro timba” e “cabelo pixaim” são expressões explicitamente racistas e preconceituosas vivenciadas no ambiente escolar. Outros xingamentos e insultos fazem parte do cotidiano escolar dos alunos, como afirma Nascimento:

As frases como “negão” e piadas de “preto”, fazem parte do nosso cotidiano e são vistas como algo “comum” nas expressões do coletivo brasileiro, são elas: “Só pode ser negro”, “negro de alma branca”, “negro é a sujeira do mundo”, “é negro, mas presta”, “negro é igual a urubu só presta longe”, “negro fede a macaco”, “coisa ta preta”, “negro só é gente quando está no banheiro”, “negro quando não suja na entrada, suja na saída”, entre outras. Vale ressaltar que algumas dessas piadas ilustram a construção de estereótipos, de modo a identificar a predominância de elementos do preconceito e que apesar de muitas pessoas as considerarem engraçadas e humoristas, algo muito visível nas mídias, livros didáticos e comédias, todas têm sentidos pejorativos sobre o negro, de maneira a ridicularizá-lo, diminuí-lo, menosprezá-los, a ponto de lhes colocar em posições desumanas. (NASCIMENTO, ano desconhecido, pp. 04-05).

Percebemos que autor destaca outros termos pejorativos referentes ao ser negro, contribuindo para que haja um preconceito ainda maior na nossa sociedade e também no meio escolar.

A partir deste momento da pesquisa analisaremos as respostas dos discentes frente às indagações propostas. Abaixo, mostraremos os quadros aplicados aos alunos do 4º da escola municipal Casinha Feliz.

1ª Pergunta: Você acha que existe racismo nesta escola?

Legenda	Discentes
A1	Sim. Existe através de xingamentos e apelidos.

A2	Sim. Às vezes, acontece na sala de aula e no recreio.
A3	Verdadeiramente, acontece comigo.
A4	Com certeza, eu já sofri racismo demais.
A5	Claro, acontece sempre nos momentos de recreação. Na hora da chegada e da saída.

FONTE: Entrevista realizada no dia 22/07/2015, com os alunos da referida escola.

A partir do questionamento e das respostas dos alunos, compreendemos que os adolescentes enxergam situações de racismo em diversos momentos na escola em estudo, pois eles destacam, por exemplo, no recreio, momento este que deveria ser para descontração e termina sempre mostrando o outro lado negativo da escola na figura de seus alunos. Azoilda Trindade (1994), também destaca situações em que o recreio termina por ser um atrativo para situações racistas.

O racismo no recreio e na merenda se expressa, agora, mas entre as crianças/alunos do que qualquer outra coisa. Aqui também a ambivalência se faz, os alunos são racistas e não-racistas, ora xingam e não querem mais se falar, ora não querem sentar junto do preto, do magro, do gordo, do "burro", do feio, do "doente", ora são capazes das maiores ternuras entre si. (TRINDADE, 1994, pag. 84).

Assim, entendemos que a escola, em muitas vezes, é palco para propagação do racismo, em especial, nos momentos em que os discentes chegam, saem e participam do recreio escolar. Como mostramos nas respostas deles e no que Azoilda Trindade traz para confirmarmos como tal.

Passaremos a segunda indagação proposta aos alunos.

2ª Pergunta: Você já praticou atos racistas?

Legenda	Discentes
A1	Sim. Porque chamei meu colega de cabelo de africano, porque o cabelo dele é enrolado.

A2	Sim. Nas brincadeiras de rua e no campo de futebol.
A3	Praticando xingamentos como “Cirilo e negro boró”.
A4	Através de xingamentos e palavras ofensivas, como “baleia preta” e “fósforo queimado”.
A5	Sim. Chamei meu colega de “Inacin” porque ele é preto. E também porque a maioria das pessoas da família dele é preta.

FONTE: Entrevista realizada no dia 22/07/2015, com os alunos da referida escola.

Os depoimentos dados pelas crianças dão pistas de como as crianças se relacionam vivenciando e praticando atos racistas consciente ou inconscientemente, no processo de socialização nos espaços do cotidiano. Uma das falas das crianças citadas na pesquisa (A1) apontam estes atos: “em uma brincadeira no momento do recreio, chamei o meu colega de Cirilo (ator de Carrossel). Outros colegas chamei de gordo baleia, nego Boró e fósforo queimado...”

Outros termos pejorativos são apresentados por Nascimento:

A dificuldade enfrentada pelas crianças em seu convívio escolar tem algum denominador comum”. Se pensássemos nos costumeiros apelidos que circulam nos lábios infantis, tais como: “rolha de poço”, “azeitona no palito”, “pau-de-sebo”, “nanico”, “crioulo doido”, “quatro olho”, “surdinho”, “tadinho”, “sequeta”, “mula mansa” entre outros. (AMARAL apud NASCIMENTO, ano desconhecido, p. 08).

Portanto, estes fatos confirmam o que Nascimento, refere-se em sua citação situações de inferioridade, preconceito e racismo nos momentos de gozações e xingamentos. Percebe-se, então, que segundo o autor, todos os preconceitos e racismo contra os negros não são estáticos, eles tem um objetivo preciso. Desse modo, o que se verifica, infelizmente, é que muitas vezes esse tipo de comportamento é considerado natural, não o revemos, ou nem sequer o percebemos na maioria de nossas ações cotidianas.

Constatou-se também, na fala do aluno (A2): “pratiquei atos racistas nas brincadeiras e no campo de futebol”. Que as práticas de racismo não acontecem

apenas no espaço escolar, mas sim, no entorno da sociedade e seus múltiplos espaços: em casa, com a família, no campo de futebol, etc...

Heller (1972), aponta para o fato de que os preconceitos são provocados pelas integrações sociais e pertencimento racial, sobretudo, pelas classes sociais, em seus múltiplos espaços, perpetuando o racismo cotidianamente.

Portanto, percebemos que os confrontos sociais estão diretamente relacionados ao pertencimento racial do indivíduo, conforme observamos.

Para finalizar a abordagem em torno dos discentes, analisaremos a terceira pergunta.

3ª Pergunta: Na sua opinião como o racismo pode ser combatido?

Legenda	Discentes
A1	Denunciando as pessoas que estão praticando o racismo.
A2	Na minha opinião, denunciar as pessoas que provocam os outros por causa de sua cor, por ser gordo, magro, feio e pobre.
A3	Respeitando as pessoas e denunciando os fatos.
A4	Respeitar os outros, porque Deus criou todos iguais.
A5	Não apelidar os outros e respeitar as diferenças.

FONTE: Entrevista realizada no dia 22/07/2015, com os alunos da referida escola.

Diante das respostas dos mesmos, podemos perceber que, para tentarmos amenizar o preconceito e o racismo tanto no espaço escolar como na nossa sociedade, é preciso “respeitar” o seu próximo, pois diante de tantos discursos teóricos, o que tem que prevalecer entre as pessoas é o respeito mútuo entre os semelhantes.

Outro ponto importante na fala dos alunos é em relação ao quesito: “denunciar”. Compreendemos que este fato ainda é um fator muito distante da nossa

sociedade, pois o que vemos em relação a tal ainda é de casos muitos isolados. Muitas pessoas que passam por atos racistas terminam ficando silenciadas diante das situações em que se encontram, talvez por serem até mesmo desinformadas. Mais o que nos alegra é saber que adolescentes estão atentos a tais atos. Resta todos fazerem suas partes.

Em relação às punições previstas, temos a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. A qual prevê pena de reclusão nos termos desta lei. Vejamos, alguns trechos da referida lei:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional; (...). Art. 3º Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos. (...). Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, obstar a promoção funcional. (Incluído pela Lei nº 12.288, de 2010). (Vigência). Pena: reclusão de dois a cinco anos¹.

Portanto, existe o instrumento jurídico, onde as pessoas podem recorrer em caso de situações de atos racistas, a fim de coibir a incidência destes.

2.5. Análise das entrevistas: docentes

A partir de agora mostraremos através das transcrições das respostas de alguns professores, dados referentes à temática abordada na pesquisa. (nas transcrições das respostas usaremos números para designar o nome dos professores).

Com este estudo, obtivemos justamente depoimentos/descrições feitos entre os professores da referida escola. Esses depoimentos e descrições nos proporcionaram a oportunidade de um aprofundamento na realidade vivida de modo que pudemos rediscutir a visão que vínhamos formando sobre o racismo, complementando-a e enriquecendo-a com análise de novos ângulos. Um aprofundamento dessa natureza, exige principalmente uma abordagem qualitativa dos dados obtidos em campo. Após cada bloco de depoimentos, separados de acordo com determinados temas, faremos um breve e sucinto comentário sobre nossas impressões a partir deles. Também convém destacar que o material desse

¹ Ver Lei na íntegra no site: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm> acesso em 03 Nov. 2015.

capítulo é o que "armazenei" com observações, discussões com os professores e leituras.

Passaremos agora a transcrever algumas dessas respostas.

1ª Pergunta – Você acha que existe racismo nesta escola?

Legenda	Corpo docente
P1	Infelizmente há, é algo que já vem de casa, os pais colocam coisas desse tipo na cabeça dos filhos.
P2	Não que eu tenha presenciado, mas acredito que sim.
P3	Sim. Nenhum lugar está protegido. A existência do racismo, existe mesmo, as próprias crianças são racistas.
P4	Vejo, que o racismo acontece dentro e fora da escola, não só com as crianças negras, mas também, com as feias, gordas, baixas e brancas.
P5	Não. Na minha vivência educacional, nunca percebi nenhuma situação da prática de racismo.

FONTE: Entrevista realizada no dia 27/07/2015, com o corpo docente, da referida escola.

Verifica-se nas respostas dos professores que alguns ainda não perceberam as constantes situações de discriminação, preconceito e racismo constatado no dia-a-dia no âmbito escolar.

Desta forma, as professoras por não acreditarem que possa existir racismo ou preconceito na escola, não conseguem perceber a subjetividade de seus alunos, de seus dramas e principalmente das dificuldades dos alunos negros. Esse pensamento, do não existir preconceito no âmbito escolar, não passa despercebido aos olhos de Trindade, pois para ela existe sim, tais situações, como nos mostra abaixo:

Assim como os professores que participaram das discussões, aqueles que responderam o questionário admitem, quase unanimemente, que a escola e a sociedade brasileira são racistas. Porém nenhum se diz racista; não

percebem racismo ou situações expressivas de racismo nos outros. (TRINDADE, 1994, p.136).

Assim, a autora nos mostra que mesmo os docentes dizendo que não percebem o racismo em seus cotidianos escolares, estes mesmos admitem que estas situações são comumente no dia a dia da nossa sociedade e no espaço escolar.

A segunda pergunta é na verdade uma provocação para os docentes, a fim de conscientizá-los acerca de práticas racistas. Assim, entendemos que o preconceito étnico faz parte do comportamento do cotidiano da referida escola.

2ª Pergunta – Você já praticou Atos Racistas?

Legenda	Corpo docente
P1	Não. Mas já presenciei nos momentos de recreação e na sala de aula.
P2	Talvez. Lembro de um fato que ocorreu na praia, quando não quis ficar perto do rapaz que tinha a cor negra.
P3	Infelizmente sim. Do tipo que uma pessoa morena, comparei com São Benedito.
P4	Sim. Mesmo que não tenha sido de forma exposta.
P5	Não. Apesar de ser difícil de evitar, devido o modelo de sociedade que nós temos. Mas, é preciso ter o cuidado e muita cautela. Pois é crime.

FONTE: Entrevista realizada no dia 27/07/2015, com o corpo docente, da referida escola.

As respostas dos docentes aborda situações cotidianas em que o racismo ocorre de forma velada e às vezes exposta, de maneira que as pessoas (professores e alunos), em suas rotinas, não se dão conta de que estão envolvidas em atitudes racistas praticadas por si mesmas ou por quem as cerca. Assim,

Será que você é racista? O racismo ocorre quando você tira conclusões sobre as pessoas baseadas em estereótipos raciais e acredita que algumas raças são melhores que outras. Algumas pessoas racistas fazem discurso de ódio ou até mesmo agem de forma violenta em relação aos membros da raça que elas não gostam, mas o racismo nem sempre é tão perceptível. Mesmo se você achar que nunca machucaria uma pessoa de outra raça, crenças racistas enraizadas dentro de você possuem um efeito subconsciente na forma como você trata as pessoas. Trazer o racismo à luz é uma forma importante de dar um basta em tudo isso! (Fonte: WikiHow²).

Diante do exposto acima, entendemos que muitos professores, não se dão conta que estão praticando atos racistas. Desta forma, vale lembrar que ações desta natureza, até mesmo sem intenção de cometer racismo, podem nos comprometer. Portanto, mediante a análise do cotidiano, percebemos que isso ocorre porque as ações que realizamos normalmente no nosso dia-a-dia não são pensadas: são automáticas e fazem parte do nosso fazer diário.

Na verdade, quando não observamos as ações atentamos para as nossas atitudes que excluem e discriminam, acabamos reproduzindo valores e condutas racistas, sem nos dar conta do real significado daquilo que estamos fazendo. O fato de agirmos muitas vezes de forma racista, sem percebermos, e de existir muito pouco espaço de discussão sobre esse comportamento está relacionado com características de nossa sociedade que têm origens históricas e ideológicas.

Para finalizamos essas discussões, apresentamos a terceira pergunta, a qual será exposta abaixo:

3ª Pergunta – Na sua opinião como o racismo pode ser combatido?

Legenda	Corpo docente
P1	Num país onde as leis não são cumpridas severamente, fica difícil combater qualquer ato de preconceito.
P2	Acredito que sim. Começa pela nossa casa, família, escola ou local de trabalho.
	Através das políticas públicas de equidade de raça e a valorização do

² Disponível em: <<http://pt.wikihow.com/Saber-Se-Voc%C3%AA-%C3%89-Racista>> acesso em 03 Nov. 2015.

P3	negro na escola através de propostas pedagógicas para a educação étnico-racial.
P4	É muito difícil já que é também uma questão cultural. Mas, através dos discursos, insistindo fortemente, podemos combatê-lo nas nossas instituições.
P5	Certamente. É necessário trabalhar com a família, onde se forma os conceitos e valores que serão aprimorados na escola e repassados para a sociedade.

FONTE: Entrevista realizada no dia 27/07/2015, com o corpo docente, da referida escola.

Esse mesmo questionamento fora feito aos discentes anteriormente, os quais traziam informações acerca da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, a qual pune estes tipos de atitudes, que é um mecanismo utilizado para coibir crimes desta natureza. Mas em atenção a resposta do (P1), acreditamos que o sistema jurídico brasileiro não está com tanta credibilidade perante a sociedade brasileira, como demonstra o professor em sua resposta.

Vamos trazer na íntegra a resposta do professor (1), pois sua posição crítica é de grande valia para o estudo que está sendo realizado, acompanhe:

Pense: o preto, o pardo, o branco, o amarelo, o indígena, o caboclo, enfim, todos os tipos de pessoas, tem um só tipo de corpo, os órgãos são iguais, o sangue é vermelho, o oxigênio que respira é o mesmo, todos tem a mesma função vital, são seres vivos mesmo tendo formações, crenças e valores diferentes, são filhos de um único Deus, e devem ter amor e respeito uns para com os outros.

Agora repense: se eu sou negra e você é branca. Você me acha diferente e tem discriminação para comigo, me critica e me rejeita. Me acha diferente, por eu ser negra. Você não é diferente de mim? (FONTE: Entrevista realizada no período de 26/06 à 17/07/5, corpo docente, da referida escola).

A partir da fala da docente, constatamos que apesar de sermos iguais em todos os aspectos fisiológicos, também somos diferentes em diversos sentidos, tais como: a cor da pele, as culturas, os diversos povos, valores, formações e crenças. Portanto, compreendemos que para o que o racismo seja enfrentado em nossa sociedade e, posteriormente, no espaço escolar é necessário que cada indivíduo faça sua parte, buscando sempre uma melhor convivência harmoniosa.

Diante das políticas públicas e das propostas pedagógicas para a educação étnico-racial citada pelo professor (3), temos a Lei 10639/03, tendo em seu texto a proposta de inserir o ensino da História e da cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimento de ensino básico do país. Outra forma de se combater o racismo, são com ações afirmativas, tais como:

Políticas de reparação voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência de sucesso na educação escolar e valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade dos estudos (BRASIL/MEC, 2004, p. 11).

Concluindo, entendemos que toda essa discussão em torno de como se combater o racismo se dar inicialmente com políticas de ações afirmativas coerentes com um projeto de escola, de educação, de formação de cidadãos que explicitamente se esbocem nas relações pedagógicas cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo verificar como se dão as formas de racismo e as relações entre professores e alunos em uma escola da rede municipal do município de Pirpirituba/PB. Desta forma, mostramos que a escola precisa se atentar para as questões raciais, para que a discriminação e o preconceito não sejam promovidos dentro do seio escolar. Notamos, pelos dados coletados da pesquisa que os professores, ao retratarem a discriminação racial, asseguram algumas ideias constituídas em seus discursos, ora negando a discriminação, ora a demonstrando e até mesmo denunciando algumas facetas da discriminação ou do racismo ocultas ou camufladas no seu fazer no cotidiano escolar desta instituição pesquisada.

Assim, a pesquisa mostrou por meio das falas das (os) entrevistadas (os) a concepção de que o racismo perdura dentro da comunidade escolar. Desta forma, a situação dos (as) alunos (as) negros (as) continua a mesma, ou seja, continuam sendo discriminados, esquecidos, recebendo julgamentos negativos. Vimos uma discriminação caracterizada pelos apelidos depreciativos e pelos termos pejorativos. Portanto, precisamos acabar com a invisibilidade da questão racial na escola e a reprodução do racismo no seu cotidiano.

Assim, faz-se necessário uma reflexão e uma ação em torno dos problemas que existem no cotidiano escolar, ou seja, o racismo, a discriminação racial e o preconceito que são, em muitas vezes, negados ou ignorados pelos agentes educacionais. Sabemos que professores, diretores e até mesmo os alunos sozinhos não conseguirão garantir os avanços e as mudanças necessárias para superação do racismo, precisamos, no entanto, desses profissionais para que, por meio do seu papel de líder/educador, possam promover o envolvimento de todos no sentido de transpor a discriminação e a exclusão.

Assim, a escola precisa está voltada para promoção de uma educação antirracista. Desta forma, os professores precisam por meio da prática da Lei 10639/03, no ambiente escolar propor a construção coletiva dos mecanismos de superação pautados nos pressupostos de uma educação antirracista que produzam frutos de uma igualdade racial, onde todos possam se respeitarem no espaço escolar.

Desta forma, o papel do educador é fundamental nesse processo, bem como a escola em formar cidadãos capazes de se identificar em sua raça e cultura através de um ensino multicultural. O educador tem a oportunidade de apresentar aos alunos as novas culturas, novos caminhos e repassando sempre uma boa estrutura de capacitar novas pessoas para um bom resultado no que diz respeito a educação, de forma, a estimular práticas contra a violência e discriminação racial, elevando o conceito e a importância da cultura afro-brasileira e africana nos dias atuais, lembrando o passado como fonte de conhecimento.

Considero fundamental que as escolas promovam um projeto de trabalho que favoreça no cotidiano escolar o diálogo e a troca entre as diferentes experiências dos discentes, o respeito mútuo, a valorização de suas práticas, abrindo a possibilidade para dialogar e refletir sem preconceito e sem receio.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana**, SEDAC/MEC: Brasília, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC) – **Cadernos Temáticos – Educando para as relações étnicas – raciais. Diretrizes Curriculares do Ensino de História**. Curso: Educação, Africanidades: Brasil – MEC – 2006.

BRASIL, LEI 10.639/03 Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. MEC/SECAD. 2005.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação – repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001, p. 213.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____, **LEI 10.639/03 E A IMPORTÂNCIA DE SUA IMPLEMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**. Jocéli Domanski Gomes dos Santos , 2013. Disponível em: http://www.nre.seed.pr.gov.br/uniaodavitoria/arquivos/File/Equipe/Disciplinas/Biologia/_LEI_10639_03_E_A_IMPORTANCIA_DE_SUA_IMPLMENTACAO.pdf Acessado em: 10/12/14.

DIAS, Adelaide Alves. **A escola como espaço de socialização da cultura em direitos humanos**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/04/4_3_adelaide.pdf acesso em: 03 Nov. 2015.

FERREIRA, Cléa Maria da Silva. SILVA, Nilce da. **FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES COM BASE NA LEI 10639/03 NA USP: DEMANDA E RESISTÊNCIA**. 2005.

GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias & SOLIGO, Ângela Fatima. **Educação das relações étnico-raciais: o desafio da formação docente**. In: GT: Afro-brasileiros e Educação/ n. 21. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT21-2372--Int.pdf> - acesso em 26 out. 2015.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.29, n.1, jan./jun. 2012.

MARTINS, Roseli Figueiredo & MUNHOZ, Maria Letícia Puglisi. Professora, eu não quero brincar com aquela negrinha. In: **Coleção percepções da diferença. Negros**

e brancos na escola. Gislene Aparecida dos Santos (Org.). – 1ª ed. SP: Ministério da Educação – 2007.

_____. **A vida nas escolas:** uma introdução à Pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento ecossistêmico** – Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude, usos e sentidos.** São Paulo. Ática, 1988.

MUNANGA, Kabenguele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de Hoje.** 1ª ed. São Paulo: Global / Ação Educativa, 2006.

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>> acesso em: 04/10/2015.

NASCIMENTO, Antônia Eunice de Jesus do. **Educação e preconceito racial no Brasil:** discriminação no ambiente escolar. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/EDUCACAO-E-PRECONCEITO-RACIAL-NO-BRASIL-DISCRIMINACAO-NO-AMBIENTE-ESCOLAR.pdf>> - acesso em 26 out. 2015.

SILVA, Maria Aparecida da. **Formação de educadores/as para o combate ao racismo:** mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e antirracismo na educação – repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001, p. 65-96.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A “Nova” Direita e as Transformações na Pedagogia da Política e na Política da Pedagogia.** In: Gentili, P. & Silva, Tomaz Tadeu (org.s). Qualidade Total Neoliberalismo e Educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

SILVA, T. M. N. **A construção do currículo na sala de aula:** o professor como pesquisador. São Paulo: EPU, 1990.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVA, Ana Celia da. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático,** pág. 14, 2001) SROUR, R. H. Modo de produção: elementos da problemática. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **O Racismo no cotidiano escolar.** Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8948/000304120.pdf?sequence=1>> acesso em 03 Nov. 2015.

ANEXOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA A COR DA CULTURA

DATA: ____/____/____

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Prezado Sr., estamos realizando uma pesquisa para a finalização do curso de Especialização na UEPB e para tanto contamos com a sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

DADOS DA/O ESTUDANTE:

Idade: _____

Ano que está cursando: _____

Religião: _____

Identidade étnica: Preto_____ Pardo_____ Branco_____ Amarelo_____

Indígena_____ Outros_____

QUESTÕES:

1 – Você acha que existe racismo no Brasil?

2 – Você acha que existe racismo nesta escola?

3 – Você já sofreu racismo?

4 – Qual foi o racismo que você sofreu?

5 – Você já praticou atos racistas?

6 – Qual foi o ato racista que você praticou

7 – Na sua opinião como o racismo pode ser combatido?